



**HAL**  
open science

## **Peripheries on Stage at IFRJ! When a Course for Popular Cultural Agents Enters the Technical School**

Adriana Facina, Pâmella Passos, Marisa Schincariol Mello, Aline Cristina Lima Dantas, Victor Baetas

### ► **To cite this version:**

Adriana Facina, Pâmella Passos, Marisa Schincariol Mello, Aline Cristina Lima Dantas, Victor Baetas. Peripheries on Stage at IFRJ! When a Course for Popular Cultural Agents Enters the Technical School. IFRJ. Periferias em Cena! - 4° Curso de Formação de Agentes Culturais Populares, 1, pp.11-25, 2012, 978-85-64089-07-05. <hal-05487593>

**HAL Id: hal-05487593**

**<https://hal.science/hal-05487593v1>**

Submitted on 18 Feb 2026

**HAL** is a multi-disciplinary open access archive for the deposit and dissemination of scientific research documents, whether they are published or not. The documents may come from teaching and research institutions in France or abroad, or from public or private research centers.

L'archive ouverte pluridisciplinaire **HAL**, est destinée au dépôt et à la diffusion de documents scientifiques de niveau recherche, publiés ou non, émanant des établissements d'enseignement et de recherche français ou étrangers, des laboratoires publics ou privés.



HAL Authorization

# PERIFÉRIAS EM CENA NO IFRJ!

## Quando um curso de Agentes Culturais Populares entra na Escola Técnica

*Adriana Facina<sup>1</sup>*

*Aline Dantas<sup>2</sup>*

*Marisa S. Mello<sup>3</sup>*

*Pâmella Passos<sup>4</sup>*

*Victor Baetas<sup>5</sup>*

O presente texto tem por objetivo apresentar os caminhos que levaram um curso de extensão, dirigido aos agentes culturais populares, para dentro de uma Instituição tradicionalmente reconhecida por sua formação técnica, em especial na área de Química. Cabe historicizar que o Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio de Janeiro (IFRJ) foi criado de acordo com a Lei 11.892, de 29 de dezembro de 2008, mediante a transformação do Centro Federal de Educação Tecnológica de Química de Nilópolis (CEFET Química de Nilópolis-RJ), seguida da integração do Colégio Agrícola Nilo Peçanha, até então vinculado à Universidade Federal Fluminense.

A Instituição iniciou suas atividades em 1943 com uma única turma de 24 alunos do Curso Técnico de Química Industrial (CTQI), na antiga Escola Nacional de Química da Universidade do Brasil (atual UFRJ). Em 1946, o CTQI foi transferido para as instalações da Escola Técnica Nacional, hoje CEFET - RJ, onde permaneceu por 39 anos. Em 1959, passou a ser uma

---

<sup>1</sup> Professora Doutora do Departamento de História da UFF e Vice-Coordenadora do curso Periferias em Cena.

<sup>2</sup> Mestre em Educação pela UFF, Diretora de Gestão Pedagógica PROET - IFRJ e Coordenadora Pedagógica do curso Periferias em Cena.

<sup>3</sup> Doutoranda do Departamento de História da UFF, produtora cultural e consultora em Produção Cultural do curso Periferias em Cena.

<sup>4</sup> Professora do IFRJ, Doutoranda do Departamento de História da UFF e Coordenadora do curso Periferias em Cena.

<sup>5</sup> Monitor do curso Periferias em Cena e aluno do IFRJ.

Autarquia Educacional. Entre os anos de 1965 e 2008, a Instituição teve várias denominações, entre elas: Escola Técnica Federal de Química da Guanabara, Escola Técnica Federal de Química do Rio de Janeiro, até chegar a ser, CEFET Química de Nilópolis / RJ.

Partindo desse histórico institucional, apresentaremos a trajetória deste curso, possibilitando ao leitor a compreensão de seus percursos. Tendo sua primeira turma em 2008 na Universidade Federal Fluminense (UFF), o curso de agentes culturais populares consolidou-se como um projeto desenvolvido pelo Observatório da Indústria Cultural (OICult) grupo de pesquisas da UFF cadastrado no CNPq, no qual participam pesquisadores do IFRJ e da UFF, sob coordenação da Professora Adriana Facina. Vale ressaltar que tal grupo atualmente vem se apresentando como uma referência estadual e nacional nos debates teórico-práticos sobre Políticas Culturais e Indústria Cultural, principalmente no que tange à cultura popular e as favelas.

Após realizar duas turmas no Centro Cultural Laurinda Santos Lobo em Santa Teresa, a equipe do curso decidiu elaborar um projeto que garantisse sua execução no Campus Rio de Janeiro do IFRJ. Tal decisão partiu da identificação de que este é um local central da cidade, pois se localiza ao lado das estações de trem e do metrô, possibilitando assim, o acesso de alunos das mais diferentes comunidades.

O Curso de Formação de Agentes Culturais Populares visa capacitar/qualificar jovens e adultos moradores de espaços populares, sobretudo as favelas na cidade do Rio de Janeiro que desenvolvem atividades no campo da arte e da cultura (artistas e produtores culturais dos campos da música, dança, audiovisual, artes plásticas, artesanato, teatro e “animadores culturais”). A intenção é estimular tais iniciativas e permitir que elas possam se beneficiar de editais de fomento, sendo organizadas no sentido de captar recursos (públicos ou privados), bem como de desenvolver atividades auto-sustentáveis. Com isso, além da formação profissional dos empreendedores culturais das periferias cariocas, será possível dinamizar a economia das referidas localidades, tornando as atividades culturais já

desenvolvidas por esses agentes fonte de renda e emprego para a população favelada. Outro objetivo é desenvolver redes culturais nas favelas, no sentido da construção de uma cultura de paz com voz que garanta o respeito à diversidade étnica, de gênero, religiosa, etc.

(In)Formação e construção de redes: uma concepção educativa

(...) a palavra será sempre o indicador mais sensível de todas as transformações sociais, mesmo daquelas que apenas despontam, que ainda não tomaram forma, que ainda não abriram caminho para sistemas ideológicos estruturados e bem formados.

(BAKHTIN, 2004: 41)

A epígrafe retirada das reflexões bakhtinianas visa apresentar nossa discussão acerca do que compreendemos como espaços populares, bem como nossa afirmação em relação ao uso do termo “favela” para designá-los. Primeiramente, cabe destacar que assumimos como espaços populares os locais economicamente desfavorecidos, marcados por uma ausência de Políticas Públicas de Estado que garantam a criação e manutenção de condições dignas de vida, em suas mais diversas áreas, tais como: educação, saúde, esporte, cultura, habitação, saneamento básico, dentre outras.

Em seguida, destacamos nossa opção, sobretudo, política, em utilizar o termo favela, oriundo historicamente do início da República brasileira. Ao retornar da última batalha contra o Arraial de Canudos, os soldados “vitoriosos” passam a abrigar a região que é atualmente conhecida como Morro da Providência, onde aguardavam a providência do Estado. Por terem ocupado um morro denominado favella durante o conflito na Bahia, os “heróis nacionais” acabaram por dar nome à região que ficou popularmente conhecida na época como Morro da Favela, considerada a primeira favela do Rio de Janeiro, datando de 1897.

Nossa hipótese é de que as favelas ainda são ocupadas por aqueles que aguardam a providência, ou ainda, o comprometimento do Estado. Tendo

passado por um processo de negativização, o termo favela, é considerado, por muitos, como pejorativo, associado muitas vezes à pobreza e/ou violência. Compreendemos, no entanto, que se trata de uma visão preconceituosa que não valida as produções e riquezas de tais espaços.

Como destacamos anteriormente, o Periferias em Cena trata-se da continuidade de um processo, cuja turma de formação e capacitação é a quarta, sendo composta por moradores dos espaços populares e cuja primeira turma organizou o Festival Fala Favela. Tal evento, sobretudo, por seu nome, revela um momento de afirmação de uma identidade, recorrentemente deslegitimada e desvalorizada socialmente.

É preciso reconhecer que, numa sociedade profundamente marcada pela desigualdade social como é a brasileira, a produção e a fruição cultural nos espaços populares se deparam com uma série de dificuldades. O próprio investimento estatal na cultura acaba, por vezes, reforçando uma lógica excludente e desigual. Um exemplo disso é a grande concentração de equipamentos e bens culturais no centro e na Zona Sul da cidade do Rio de Janeiro. De acordo com dados da prefeitura, 60% dos teatros públicos encontram-se na Zona Sul e apenas 11% na Zona Norte da cidade. Ainda, segundo a mesma fonte, a Zona Sul concentra 50% dos Centros Culturais<sup>6</sup>. Nas favelas cariocas, praticamente inexistem cinemas, teatros e espaços culturais, bem como escolas de arte, audiovisual, etc.

Além disso, o mercado não espelha a diversidade, a dinâmica e a pluralidade da cultura popular, sobretudo nas suas manifestações que não trazem um legado cultural consagrado pelo mercado e pelas elites. Portanto, acreditamos ser necessário criar uma rede cultural voltada à valorização das manifestações culturais e artísticas dos moradores de espaços populares, respeitando sua diversidade. Trata-se de algo imprescindível para a construção de sociabilidades urbanas pautadas por uma lógica democrática e cidadã, capaz de contrapor-se à sociabilidade violenta, enriquecendo a cultura da cidade como um todo, por meio de

---

<sup>6</sup> Apud SOUZA E SILVA, Jailson e BARBOSA, Jorge Luiz. Favela: alegria e dor na cidade. Rio de Janeiro, SENAC, 2005, p. 108-9.

trocas e circulação de saberes, gostos, valores e práticas culturais.

É importante, ainda, destacar a relevância da cultura para a conformação de identidades sociais afirmativas, na contramão da ótica estigmatizante que hoje predomina nos meios de comunicação e em setores da sociedade sobre a população pobre, sobretudo a juventude. Enfatizar o protagonismo juvenil através de cursos, oficinas e produção cultural, estimulando os jovens a criarem representações de mundo e de si mesmos, é fundamental. A afirmação de identidades construídas por meio da diversidade de linguagens artísticas – música, teatro, fotografia, vídeo, artesanato, dança, grafite – pode ser também um caminho para garantir o direito à cidade para os jovens das camadas populares.

Desse modo, a cultura pode ser compreendida como política pública social e não apenas como lazer mercantilizado. As favelas devem ser reconhecidas como espaços produtores de cultura e territórios centrais para a construção de uma identidade urbana cidadã, democrática e inclusiva.

Outro elemento importante do projeto é a relação das populações faveladas com as instituições de educação pública, que mesmo com a avalanche privatista e neoliberal, conseguiram manter sua qualidade. O acesso dessas populações a tais instituições é ainda bastante restrito, sendo resultado de um processo histórico de desmantelamento da educação pública e da falta de uma política significativa de expansão das vagas no ensino público superior que dê conta da demanda por uma educação de qualidade socialmente referenciada para o conjunto da sociedade brasileira. Somente 1% dos moradores das comunidades populares do Rio de Janeiro chegou à universidade<sup>7</sup>. Dessa maneira, criar pontes entre as favelas, institutos federais e a universidade é central para que esses possam também dispor de instrumentais teórico-metodológicos que permitam refletir criticamente sobre a sociedade e identificar os desafios a serem superados.

---

<sup>7</sup> Idem, p. 117.

O Curso de Formação de Agentes Culturais Populares apresenta-se como uma proposta de constituição de um espaço articulador de uma área da atividade humana que hoje experimenta, em níveis inéditos, o avanço do mercado: a produção cultural. Nos espaços populares, a produção cultural tem sofrido com a falta de uma qualificação que permita aos que trabalham com a cultura disporem de meios de produzir reflexões e alternativas para sobreviver ao massacre do mercado, dominado pelas grandes corporações, bem como para uma produção artística que esteja vinculada, de forma radical, aos desafios vividos por essas populações no seu cotidiano.

Segundo Frederic Jameson, a lógica cultural que corresponde ao atual estágio da organização das sociedades capitalistas é o pós-modernismo. No capitalismo tardio, a esfera da mercadoria amplia-se imensamente e a cultura tornou-se um produto a ser consumido cada vez mais avidamente, num processo de estetização radical da realidade. Dizendo de outra maneira, a produção estética encontra-se cada vez mais integrada à produção de mercadorias em geral<sup>8</sup>.

Concretamente, tal processo resulta em criações culturais fragmentadas, muitas vezes conformistas, que não portam visões de mundo que permitam aos sujeitos históricos reconstruir sentidos e pensar criticamente sobre a realidade em que se inserem. O caótico, o aleatório, o nonsense apontam para uma perspectiva que apresenta uma condição histórica esvaziada do sentido de processo, sem passado e, portanto, sem um futuro que possa ser transformado. O que existe é um presente incompreensível. Entretanto, não podemos negar a capacidade de resistência dos “de baixo” aos processos de fragmentação e homogeneização das experiências culturais. Uma resistência que reside na necessidade de buscar alternativas para o acesso aos bens culturais, visto que há uma imensa concentração da produção e da distribuição, e no desejo de se elaborar produtos que portem suas visões de mundo e seus estilos de vida<sup>9</sup>.

---

<sup>8</sup>JAMESON, Fredric. Pós-modernismo: a lógica cultural do capitalismo tardio. São Paulo, Ática, 1996.

<sup>9</sup> Para os conceitos de visão de mundo e estilos de vida associados à cultura urbana ver os trabalhos de Gilberto Velho.

Nesse contexto, as potencialidades criativas da reprodutibilidade técnica encontram-se encapsuladas pelo grande capital, na forma dos conglomerados da comunicação e do entretenimento. De acordo com Dênis de Moraes,

“A mídia global está nas mãos de duas dezenas de conglomerados, com receitas entre US\$ 8 bilhões e US\$ 40 bilhões. Eles veiculam dois terços das informações e dos conteúdos culturais disponíveis no planeta. São proprietários de estúdios, produtoras, distribuidoras e exibidoras de filmes, gravadoras de discos, editoras, parques de diversões, TVs abertas e pagas, emissoras de rádio, revistas, jornais, serviços on line, portais e provedores de internet, vídeos, videogames, jogos, softwares, CD-ROMs, DVDs, equipes esportivas, megastores, agências de publicidade e marketing, telefonia celular, telecomunicações, transmissão de dados, agências de notícias e casas de espetáculos.

“AOL-Time Warner, Viacom, Disney, News, Bertelsmann, NBC-Universal, Comcast e Sony, as oito primeiras do ranking de mídia e entretenimento, têm idênticas pretensões de domínio: estar em toda parte, a qualquer tempo, para exercer hegemonia.”<sup>10</sup>

A tarefa de criticar a concentração dos bens culturais e das possibilidades de sua produção e fruição torna-se, nesse cenário, fundamental para projetos culturais que busquem caminhos alternativos a essa lógica. No entanto, ela não deve se limitar a uma negação dessa indústria, mas também incluir a formulação de propostas e iniciativas que possam apresentar alternativas à cultura hegemônica. Para tal, o Curso de Formação de Agentes Culturais Populares pretende congrega artistas e produtores culturais populares, bem como uma instituição pública

---

<sup>10</sup>MORAES, Dênis. “Mídia e poder mundial”. *História & Luta de Classes*, n.2, 2006, p.9-10.

federal. O intuito é desenvolver atividades de pesquisa, produção e divulgação cultural voltadas às expressões culturais populares, cuja diversidade e heterogeneidade não estejam centradas apenas nas produções consagradas pela indústria cultural, porém que busquem a novidade e a complexidade dos processos que se situam no universo das classes populares, os quais são fundamentais para o entendimento da cultura como prática viva e dinâmica.

Desse modo, torna-se possível articular iniciativas culturais e produções teóricas que apontem de fato para a construção de uma prática cultural popular. Estas ações organizadas são capazes de configurar alternativas para as classes populares de reflexões teórico-práticas, que se orientem em direção a um avanço qualitativo e quantitativo da produção de experiências e aos lugares de fruição da cultura, bem como à possibilidade de democratização do acesso aos processos de elaboração/criação e à distribuição da cultura, entendida em seu sentido mais largo e profundo. É importante ter clareza de que não apontamos para o isolamento ou para a dicotomia entre a cultura produzida nos espaços populares e a cultura produzida e “consumida” em outros espaços. Pelo contrário, a estratégia vai no sentido de construir novos sentidos sobre a cultura e as populações dos espaços favelados, e que estas possam ter acesso a outros bens culturais que lhes são negados devido às profundas desigualdades sociais.

Assim, a cultura pode ser compreendida como política pública social e não apenas como lazer mercantilizado. As favelas devem ser reconhecidas como espaços produtores de cultura e territórios centrais para a construção de uma identidade urbana cidadã, democrática e inclusiva.

Com base nos escritos de Raymond Williams, entendemos a cultura como parte da produção e reprodução material da vida e não como uma esfera isolada das demais atividades humanas. Desse modo, a cultura é parte da construção social a realidade, informando a cotidianidade das práticas sociais humanas<sup>11</sup>.

---

<sup>11</sup> WILLIAMS, Raymond. *Marxismo e literatura*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 1979.

Nas favelas cariocas, essa dimensão material da cultura pode ser percebida de modo claro. A despeito do baixo investimento estatal e privado, existe nesses espaços extensa produção cultural. Bailes funk, ensaios de escola de samba, folia de reis, rodas de samba, eventos de hip hop, grafiteagem, aulas de break e dança funk, shows são parte do seu cotidiano cultural. Tudo isso confirma a idéia proposta por autores como Lícia Valladares que apontam para as favelas não só como lugar da pobreza e da miséria, mas sobretudo, espaço de mobilidade social, de diversidade e de resistência à desigualdade social<sup>12</sup>. Decorre daí a importância de fortalecer e articular essa produção no sentido de torná-la alternativa econômica e também de vida para as populações faveladas.

O curso é formado pelas temáticas listadas abaixo, compreendendo um total de 70 horas dedicadas à articulação entre conhecimento e prática cultural:

<b>Disciplina</b>	<b>Duração/ horas</b>
Comunicação popular	2
Economia da cultura	2
Economia e gestão popular	4
Gestão cultural	2
Introdução à produção cultural	2
Informática básica (Word, Power point, Excel)	4
Informática para internet (e-mail e twitter)	4
Informática para internet (blogs e sites)	4
Marketing cultural	2
Patrimônio cultural	2
Políticas culturais	2
Prática (oficinas e produção da intervenção cultural)	28
Produção de artigos	8
Projeto cultural	4
Teorias da Cultura	2
<b>Total de horas</b>	<b>70</b>

<sup>12</sup> VALLADARES, Licia do Prado. A invenção da favela. Do mito de origem a favela.com. Rio de Janeiro, FGV, 2005.

## Dialogando com as diversidades: a riqueza cultural das periferias

Diversidade. Esse conceito que pode ser utilizado para definir o que é a periferia. E como o curso é direcionado aos moradores dessa área, a diversidade entre os inscritos não poderia ser diferente. O curso recebeu inscrições de várias partes da cidade e do estado do Rio de Janeiro: Zonas Norte, Sul, Oeste, Centro da Cidade, da Região Serrana (Petrópolis) e da Região dos Lagos (Rio das Ostras). Recebeu-se, inclusive, inscrição vinda do estado de São Paulo, da cidade de Sertãozinho.

A diversidade entre os inscritos não se restringe à região onde eles moram, ela se apresenta também na idade dos candidatos, que varia de 18 anos (a idade do candidato mais novo que se inscreveu) a 62 anos (idade da candidata mais velha a se inscrever), evidenciando que a idade, especialmente quando se trata de adultos e idosos, não se apresenta como impedimento para a busca de formação continuada para a produção de cultura.

O processo de seleção do curso Periferias em Cena apresentou-se como um momento singular para identificar essa diversidade. A dinâmica ocorreu por meio de entrevista coletiva em que os candidatos respondiam questões pertinentes às suas pretensões com o curso, tais como: a) as ações a serem desenvolvidas na comunidade em que atuam e b) estratégias a serem utilizadas para multiplicar e socializar o conhecimento obtido ao longo do curso. Pretendia-se identificar o envolvimento, engajamento, capacidade de iniciativa e articulação dos candidatos a partir de sua possível participação no curso.

Pode-se perceber a diversidade também na área de atuação dos candidatos. Diferentes campos da cultura e da produção cultural, sejam elas no teatro, na área do funk, artes plásticas, no uso da cultura como reabilitação para dependentes químicos, na área do turismo, cinema, música, entre outras, foram apontadas pelos candidatos como áreas em que estão inseridos profissionalmente.

O relato das iniciativas e ações gerou resultados que extrapolaram os objetivos definidos pela coordenação do curso, pois possibilitou a troca de

experiências entre os candidatos, o conhecimento das ações desenvolvidas nas diferentes comunidades da periferia e, sobretudo, favoreceu a criação de uma rede de contatos que ocorreu nos bastidores e durante as entrevistas. Neste último caso, a interatividade durante os relatos das ações desenvolvidas no decorrer da entrevista permitiu que os candidatos percebessem a semelhança entre as suas atividades e que poderiam potencializar e fortalecer iniciativas até, então, realizadas de forma isolada e fragmentada, bem como socializar e aproximar comunidades que se distanciam geograficamente, mas que se assemelham no que diz respeito à realidade de abandono no tocante ao aparato cultural.

Cabe destacar que, apesar da falta de preparo técnico para concorrer aos editais na área da cultura, o pouco recurso e, em muitos casos, a baixa escolaridade, por exemplo - relatados durante as entrevistas - não impossibilitou a iniciativa individual e/ou coletiva pelos candidatos de desenvolverem ações de cultura em diversas comunidades do Rio de Janeiro em que o poder público não se faz presente.

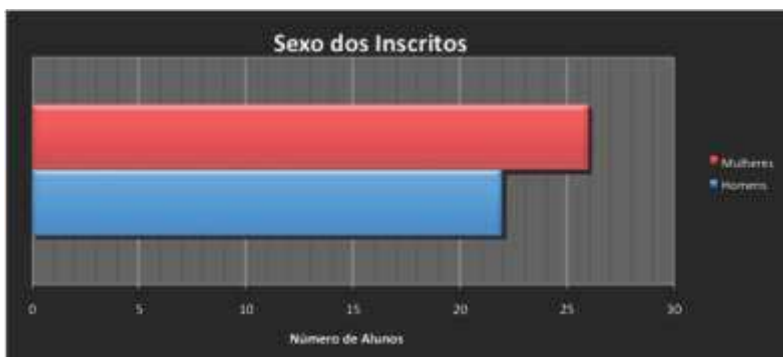
Portanto, pode-se afirmar, a partir desse diálogo inicial com os diferentes sujeitos oriundos da periferia, que a atividade cultural realizada, o local de moradia e a idade dos candidatos se aproximam e que por meio do curso Periferias em Cena buscam melhorar suas práticas e organizar de forma mais qualificada ações de cultura em suas comunidades.

Nesse sentido, o curso, ao propor a formação de multiplicadores de conhecimento no âmbito das artes e da cultura, possibilitará com que mais sujeitos sejam contemplados por iniciativas culturais, criando, desta maneira, uma grande rede de ações com a finalidade de divulgar, vivenciar, socializar e fortalecer a cultura popular.

O impacto do curso nessas comunidades, bem como o conhecimento mais aprofundado da realidade da periferia já pode ser notado: por meio de e-mail recebido por um candidato de 59 anos, quem, ao saber que fora selecionado para participar do curso, relata um pouco de sua comunidade e a importância do curso para si:

“Sou morador da Rocinha desde meu nascimento. Rocinha é uma favela/bairro encravada entre a montanha denominada Morro Dois Irmãos, Bairro da Gávea, Bairro de São Conrado e a Floresta da Tijuca e ainda tem o mar bem pertinho. Muito Legal morar aqui. Uma favela boa, com gente boa e com suas mazelas, como qualquer outra favela. Quero enviar minhas congratulações a todos e todas e dizer que estou muito feliz em iniciar este Curso de Extensão ao lado de pessoas que ainda não conheço e que para mim será uma agradável surpresa conhecer cada um de vocês. Boa sorte e bons estudos a todos e todas.”

Veja abaixo, graficamente, a diversidade cultural do curso, quanto à idade, sexo, escolaridade e área da cidade onde se mora:





## (In) Conclusão

Não é possível avaliar o resultado final desta experiência, pois ela está em construção, tanto do ponto de vista mais geral do curso, que se encontra em sua quarta edição, quanto especificamente a sua realização no IFRJ, que é inédita. Em relação às outras experiências já desenvolvidas, são uma importante referência, tanto sob os aspectos positivos quanto negativos. Uma ação continuada permite o desenvolvimento da cidadania ativa e criativa onde a cultura não é apenas algo que diverte e emociona, mas que nos permite agir e pensar.

A atividade cultural é composta por uma abrangente e diversa cadeia produtiva, onde cada um dos agentes possui um papel comple-

mentar e fundamental. O curso de agentes culturais populares atua por meio de investimento na capacidade criativa e na formação das pessoas, para que elas sejam capazes de transformar o seu cotidiano e se reconhecer como sujeitos culturais, seja do ponto de vista simbólico ou econômico. O andamento do curso e os seus resultados podem ser acompanhados através do <http://periferiasemcena.wordpress.com/>. Participe. ■

## BIBLIOGRAFIA

---

- ADORNO, Theodor. "A indústria cultural". In: COHN, Gabriel (org.). Theodor Adorno. São Paulo, Ática, 1986 (Col. Grandes Cientistas Sociais).
- \_\_\_\_\_. Indústria cultural e sociedade. São Paulo, Paz e Terra, 2002.
- ALVITO, Marcos. As cores de Acari. Uma favela carioca. Rio de Janeiro, FGV, 2001.
- BAKHTIN, Mikhail. Marxismo e filosofia da linguagem. São Paulo, HUCITEC, 2004.
- CAMPOS, Andrelino. Do quilombo à favela. A produção do "espaço criminalizado" no Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, Bertrand Brasil, 2007.
- CEVASCO, Maria Elisa. Dez lições sobre estudos culturais. São Paulo, Boitempo, 2003.
- EAGLETON, Terry. A idéia de cultura. São Paulo, Unesp, 2005.
- ELIAS, Norbert. O processo civilizador. Uma história dos costumes. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 1990.
- FACINA, Adriana. Literatura e sociedade. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 2004.
- FREIRE Filho, João. Reinvenções da resistência juvenil: os estudos culturais e as micropolíticas do cotidiano. Rio de Janeiro, Mauad, 2007.
- HALL, Stuart. Da diáspora. Identidades e mediações culturais. Belo Horizonte, Ed. UFMG, 2003.
- JAMESON, Frederic. Pós-modernismo. A lógica cultural do capitalismo tardio. São Paulo, Ática, 1996.
- KELLNER, Douglas. A cultura da mídia. Bauru, EDUSC, 2001.
- MARTIN-BARBERO, Jesús. Dos meios às mediações. Comunicação, cultura e hegemonia. Rio de Janeiro, Editora UFRJ, 2006.
- MEDEIROS, Janaína. Funk carioca: crime ou cultura? O som dá medo. E prazer. São Paulo, Editora Terceiro Nome, 2006.
- MORAES, Dênis. Planeta mídia. Tendências da comunicação na era global. Campo Grande, Letra Livre, 1998.
- \_\_\_\_\_. "Mídia e poder mundial". História & Luta de Classes, n.2, p. 5-16, 2006.
- SANTOS, Milton. Por uma outra Globalização: do pensamento único à consciência universal. Rio de Janeiro, Record, 2006.
- SILVA, Thomaz Tadeu da (org.). Identidade e diferença. A perspectiva dos estudos culturais. Petrópolis, Vozes, 2000.
- SORJ, Bernardo & GUEDES, Luís Eduardo. Internet na favela: quantos, quem, onde e para quê? Rio de Janeiro: Gramma, 2005.

- SOUZA E SILVA, Jailson de e BARBOSA, Jorge Luiz. Favela. Alegria e dor na cidade. Rio de Janeiro, Editora SENAC Rio/X BRASIL, 2005.
- SPOSITO, Eliseu Savério. Redes e cidades. São Paulo, UNESP, 2008.
- THOMPSON, E. P. Costumes em comum. Estudos sobre a cultura popular tradicional. São Paulo, Companhia das Letras, 1998.
- VALLADARES, Licia do Prado. A invenção da favela. Do mito de origem à favela.com. Rio de Janeiro, Editora FGV, 2005.
- VELHO, Gilberto. A utopia urbana. Um estudo de antropologia social. Rio de Janeiro, Zahar, 1975 [1973].
- \_\_\_\_\_. "Estilo de vida urbano e modernidade". Estudos Históricos, Rio de Janeiro, vol. 8, n. 16. p. 227-34, 1995.
- \_\_\_\_\_. Mudança, crise e violência. Política e cultura no Brasil contemporâneo. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 2002.
- \_\_\_\_\_. (org.). Antropologia urbana. Cultura e sociedade no Brasil e em Portugal. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 1999.
- VELHO, Gilberto e MACHADO, Luiz Antônio. "Organização social do meio urbano". Anuário Antropológico, Rio de Janeiro, Tempo Brasileiro, n. 76. p. 71-82, 1977.
- VELHO, Gilberto e KUSCHNIR, Karina. (orgs.). Mediação, cultura e política. Rio de Janeiro, Aeroplano, 2001.
- VELHO, Gilberto e ALVITO, Marcos. (orgs.) Cidadania e violência. Rio de Janeiro, Editora UFRJ/Editora FGV, 1996.
- VELHO, Otávio Guilherme (org.). O fenômeno urbano. Rio de Janeiro, Zahar, 1967.
- VIANNA, Hermano. O mundo funk carioca. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 1988.
- \_\_\_\_\_. (org.) Galeras cariocas. Territórios de conflitos e encontros culturais. Rio de Janeiro, Editora UFRJ, 1997.
- WILLIAMS, Raymond. Marxismo e literatura. Rio de Janeiro, Zahar, 1979.
- WOOD, Ellen Meiksins. Democracia contra capitalismo: a renovação do materialismo histórico. São Paulo, Boitempo, 2006.